



“SE O COLONIALISMO SE FORMOU EM SÉCULOS, DESMONTÁ-LO NÃO SERÁ EM TRÊS DIAS”: O DESCOMPASSO NA VOZ DE ISIDORA VALENTINA SÁEZ ROSENKRANZ

IF COLONIALISM WAS FORMED OVER CENTURIES, DISMANTLING IT WON'T HAPPEN IN THREE DAYS": THE DISPARITY IN THE VOICE OF ISIDORA VALENTINA SÁEZ ROSENKRANZ

SI EL COLONIALISMO SE FORMÓ A LO LARGO DE SIGLOS, DESMANTELARLO NO SERÁ OBLIGATORIO EN TRES DÍAS": LA DISPARIDAD EN LA VOZ DE ISIDORA VALENTINA SÁEZ ROSENKRANZ

**Ana Clara Menezes¹
Glaucia Xavier²
Lucas Figueiredo³
Rita de Cássia Borges⁴
Rúthila de Almeida Araújo⁵**

Resumo

Este artigo apresenta a síntese de uma entrevista conduzida com a Dra. Isidora Valentina Sáez Rosenkranz (Universitat de Barcelona) sobre a escala temporal da mudança histórica frente à persistência das estruturas coloniais. O texto parte da provocação retórica de que a desconstrução de sistemas sociopolíticos longevos – como o colonialismo – é uma tarefa utópica no curto prazo, exigindo um esforço coletivo e duradouro. Articulando o seu ceticismo sobre a capacidade transformadora da instituição universitária com a necessidade de fomentar alternativas realistas, a entrevista define macroprojetos políticos, mas como micropráticas decoloniais que se baseiam no exemplo do professor/pesquisador e na busca por uma linguagem que rompa com o jargão acadêmico, democratizando o saber para a educação Básica e a comunidade. A virada epistemológica reside em quem produz e autoriza o conhecimento. A autora defende o papel do professor como agente político e a urgência de democratizar a autoria do saber através da criação de acervos contra-hegemônicos

¹ Licenciada e Mestranda em História (UEFS). E-mail: anaclara7012@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1488-1005>.

² Licenciada e Mestranda em História (UEFS). E-mail: xavierglaucia22@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5473-294>.

³ Licenciado e Mestrando em História (UEFS). E-mail: ribeirolucas1820@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3600-630X>

⁴ Licenciada em História (UEFS) Mestranda em História (UEFS). E-mail: ritaborgesdealmeida@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7041-6317>.

⁵ Licenciada em História (UNEB) Especialista e Mestranda em História (UEFS). E-mail: ruthilahistoria@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3015-8658>.



(como o arquivo comunitário). Essa prática valoriza o testemunho performático e as materialidades das experiências subalternas (incluindo as infâncias), saindo da hegemonia da palavra escrita e da imagem colonizadora. Além disso, a pesquisadora aponta para o uso estratégico da inteligência artificial para a ação decolonial: pensar, dialogar e alcançar coletivos que a academia tradicionalmente não alcança. A articulação entre a investigação e uma atitude pedagógica engajada constitui a luta contra a inércia histórica.

Palavras-Chave: História Pública; Colonialidade; Memória Histórica; Ensino de História; Cidadania Digital.

Resumen

Este artículo presenta la síntesis de una entrevista realizada con la Dra. Isidora Valentina Sáez Rosenkranz (Universidad de Barcelona) sobre la escala temporal del cambio histórico frente a la persistencia de las estructuras coloniales. El texto parte de la provocación retórica de que la deconstrucción de sistemas sociopolíticos longevos – como el colonialismo – es una tarea utópica a corto plazo, exigiendo un esfuerzo colectivo y duradero. Articulando su escepticismo sobre la capacidad transformadora de la institución universitaria con la necesidad de fomentar alternativas realistas, la entrevista define macroproyectos políticos, pero como microprácticas decoloniales que se basan en el ejemplo del profesor/investigador y en la búsqueda de un lenguaje que rompa con la jerga académica, democratizando el saber para la educación básica y la comunidad. La vuelta epistemológica reside en quién produce y autoriza el conocimiento. La autora defiende el papel del profesor como agente político y la urgencia de democratizar la autoría del saber a través de la creación de acervos contrahegemónicos (como el archivo comunitario). Esta práctica valora el testimonio performático y las materialidades de las experiencias subalternas (incluyendo las infancias), saliendo de la hegemonía de la palabra escrita y de la imagen colonizadora. Además, la investigadora señala el uso estratégico de la inteligencia artificial para la acción decolonial: pensar, dialogar y alcanzar colectivos que la academia tradicionalmente no alcanza. La articulación entre la investigación y una actitud pedagógica comprometida constituye la lucha contra la inercia histórica.

Palabras Clave: Historia Pública; Colonialidad; Memoria Histórica; Enseñanza de la Historia; Ciudadanía Digital.

Abstract

This article presents the synthesis of an interview conducted with Dr. Isidora Valentina Sáez Rosenkranz (University of Barcelona) on the temporal scale of historical change versus the persistence of colonial structures. The text begins with the rhetorical provocation that the deconstruction of long-standing sociopolitical systems – such as colonialism – is a utopian task in the short term, requiring a collective and enduring effort. Articulating his skepticism about the transformative capacity of the university institution with the need to foster realistic alternatives, the interview defines political macroprojects, but as decolonial micropractices based on the example of the professor/researcher and the search for a language that breaks with academic jargon, democratizing knowledge for basic education and the community. The epistemological

turn lies in who produces and authorizes knowledge. The author defends the role of the teacher as a political agent and the urgency of democratizing the authorship of knowledge thru the creation of counter-hegemonic archives (such as the community archive). This practice values performative testimony and the materialities of subaltern experiences (including childhoods), moving away from the hegemony of the written word and the colonizing image. Additionally, the researcher highlights the strategic use of artificial intelligence for decolonial action: to think, dialog, and reach out to groups that traditional academia typically does not reach. The articulation between research and a committed pedagogical attitude constitutes the struggle against historical inertia.

Keywords: Public History; Coloniality; Historical Memory; History Teaching; Digital Citizenship.

Introdução

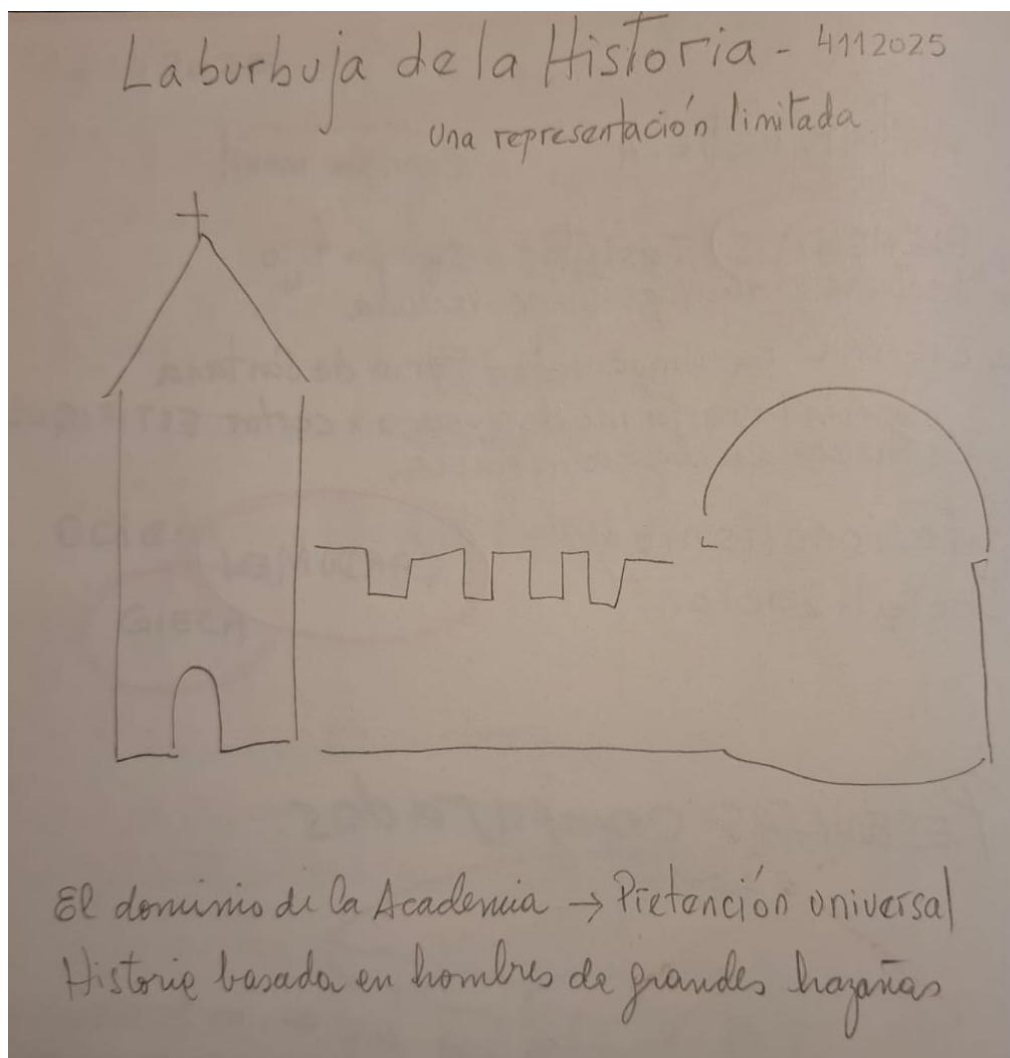


Imagem 1. Desenho de aula 2 (Estique, 2025)



A presente publicação transcende a formalização acadêmica para registrar um momento imersivo de colaboração. O ponto de ignição foi a aula pública intitulada História, Cultura e Didática: Saberes Contemporâneos? proferida pela Dra Isidora Valentina Sáez Rosenkranz Professora Leitora Serra Hünter na Universitat de Barcelona em 4 de novembro de 2025, no contexto da disciplina História Social da Cultura do Programa de Pós-Graduação em História PPGH da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS. O encontro foi habilmente coordenado pelo Prof. Dr. José Augusto Ramos da Luz em sinergia com o Dr. Francisco Ramallo, reafirmando o compromisso do PPGH/UEFS com a vanguarda dos debates sobre as renovações teóricas e as práticas históricas urgentes.

Este diálogo se insere na discussão latino-americana que privilegia a análise crítica da colonialidade, da formação de identidades e das fronteiras culturais, mas ele se eleva ao nível de exercício vivo de História Pública, impulsionado por cinco estudantes da disciplina (Ana Clara, Gláucia, Lucas, Rita e Rúthila). Foram estes mestrandos que transformaram a escuta, desdobrando os eixos conceituais da professora. A relevância do encontro foi poeticamente sublinhada pela arte como linguagem. A conversação foi atravessada e enriquecida pelos três desenhos que a artista visual e pesquisadora Dra. María Alejandra Estifique produziu em tempo real, assistindo virtualmente, transformando a palavra em traço e o conceito em imagem, em um gesto que aprofundou a conversação e demonstrou a urgência de uma alfabetização integral que rompa com a hegemonia da palavra.

A Dra Sáez Rosenkranz, investigadora com vasta experiência em História Pública e Didática da História, ofereceu uma voz qualificada para esta discussão ao se situar no ponto de encontro crucial entre a história investigada e a história ensinada. Sua notável trajetória, que inclui a coedição da obra *Memoria Histórica y Enseñanza de la Historia* a habilitou a articular a crítica ao "pedestal" da universidade com a necessidade imperiosa de fomentar "alternativas realistas", que se traduzem em micro-práticas decoloniais e no exemplo do docente como agente político. O encontro realizado em formato híbrido para maximizar o alcance das Redes de Investigações em Humanidades Digitais RIHD, estabeleceu uma ponte transnacional conectando Universitat de Barcelona, Brasil, Argentina e Chile, buscando aprofundar o debate sobre a persistência das estruturas coloniais através da análise da temporalidade histórica, propondo o aprimoramento da Cidadania Digital por meio da literacia histórica em um ambiente de proliferação de informações superficiais.

O cerne da conversação reside na provocação retórica, que é uma figura histórica que confronta a efemeridade das mudanças políticas contemporâneas com a longa *durée* (Braudel) das estruturas de dominação. O desafio é descolonizar a prática e a linguagem, permitindo que o saber permeie a escola básica, o menino e a menina no cotidiano. A Dra Sáez Rosenkranz insiste que a virada epistemológica não está no formato oral *versus* escrito, mas em quem produz e autoriza o conhecimento, valorizando o arquivo

comunitário e a memória histórica em sala de aula como estratégia de combate à amnésia e à superficialidade midiática. O presente artigo se propõe a transcrever e analisar as reflexões da docente, oferecendo aos leitores uma leitura aprofundada sobre os desafios e as novas fronteiras da História na era digital, e a responsabilidade ética do pesquisador frente aos sistemas de longa duração. É um convite à reflexão sobre a cultura de pesquisa que se "cola" pelo exemplo, e não apenas pela teoria.

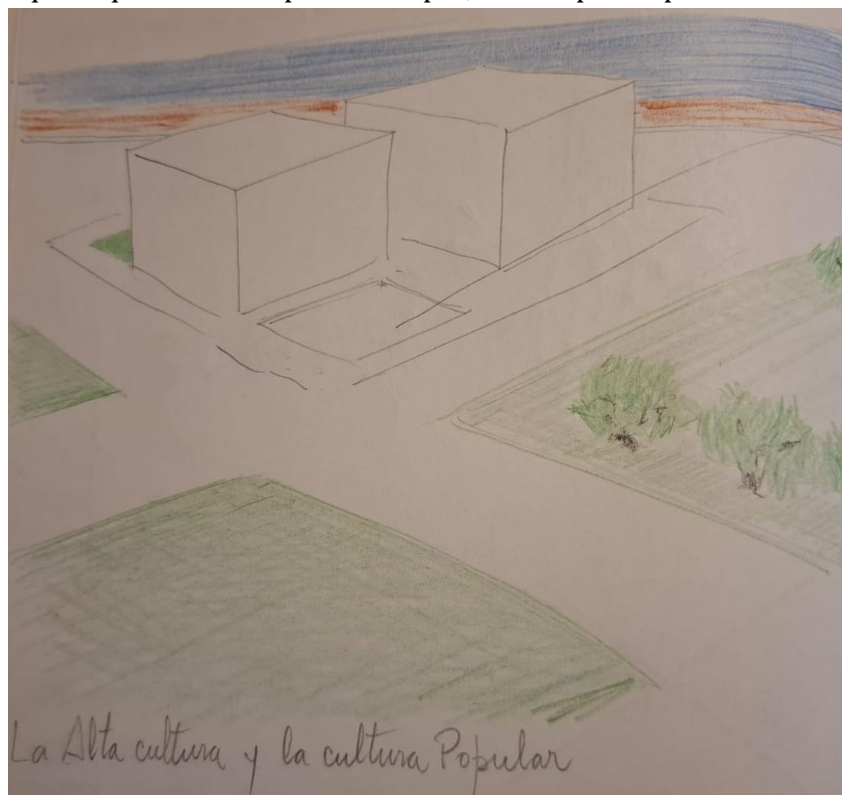


Imagem 2. Desenho de aula 2 (Estique, 2025)

Pergunta 1: Professora Isidora, O colega José nos alertou para o dilema de que a universidade forma mas também deforma, e para a grande dificuldade da academia em usar uma linguagem acessível, principalmente ao falar para crianças. Que saídas práticas a senhora encontra para quebrar essa deformação linguística e garantir que o processo de formação de futuros professores os capacite a falar para diferentes públicos, incluindo a escola básica, sem a barreira do jargão acadêmico?

Resposta 1: -Que ótima síntese da pergunta, e é um tema que me incomoda muito. A dificuldade do aluno e a aluna falarem para diferentes públicos e principalmente para a criança, que é o mais difícil, ela nasce da deformação que a universidade impõe com o seu jargão abstrato. Como eu disse antes, eu não entendo a necessidade de usar toda essa terminologia quando algo é fácil de ser dito em palavras normais, eu me senti ignorante quando comecei a ler textos descoloniais, e eu já era formada em História. O problema não é o que se diz mas a maneira como se comunica, e a saída para essa deformação não virá da instituição, pois eu não creio que ela fará essa transformação



sozinha ,mas sim da atitude e do exemplo do professor. A diretora do meu professorado me disse que o único que os alunos aprenderão de ti é o que tu és -não o que tu digas – Predique com o exemplo . O professor tem que ser o exemplo de uso de outra linguagem ,de sair nos meios , de opinar sobre coisas contemporâneas, de levar a aula para uma comunidade ,e é isso que faz os alunos pensarem .Deixar de pensar que temos que *fazer coisas* e começar a fazer essas coisas para que sirvam como referente .A universidade precisa baixar do pedestal em que está ,eu não sei como é no Brasil , mas no Chile e na Espanha não são lugares que a gente de a pé frequenta – Se não estudas na universidade , tu não vais à universidade , então ela teria que ser um espaço mais aberto – onde o contato e o vínculo com gente de fora , com a escola ,possa atravessar essa fronteira do saber e mudar a linguagem por osmose , é a primeira resposta que me ocorre e é o caminho que eu sigo.

Pergunta 2: Professora Isidora – A colega Ruth perguntou sobre o conceito de "mundos alternativos de formas realistas" e a colega Arancí alertou para o profundo erro político de não considerar as crianças como sujeitos políticos e construtores de conhecimento – diante da invasão da imagem colonizadora e do consumo cultural – Como a sua proposta de realismo se distancia da narrativa canônica de Hayden White e nos ajuda a desconstruir o rol político docente – para abraçar essa alfabetização integral que rompe com a hegemonia da palavra e que dá um lugar de saber às inquietudes e às experiências das infâncias?

Resposta 2: Essa é uma pergunta que articula tudo .A pergunta sobre os mundos alternativos de formas realistas, ela se refere a não buscar grandes transformações teóricas ,mas sim alternativas aplicáveis no nosso cotidiano ,na escola básica e é justamente aí que se encontra o erro político do docente que a Arancí levantou .A escola é tradicional ,mas o erro político é não considerar as crianças como sujeitos políticos e construtores de conhecimento ,diante dos consumos culturais isso gera uma desvantagem profunda .-¿O que fazer? – A solução não é buscar grandes projetos , mas submeter os câmbios à nossa atitude diante do mundo ,e dar o lugar de saber ao estudante à criança , na hora de criar seu conhecimento. Eu penso na metodologia Freinet , que se usou na Segunda República na Espanha ,onde as crianças usavam a imprensa ,criavam livros , criavam seus saberes , recolhiam testemunhos , e aprendiam de maneira integral .A alternativa realista é dar um lugar em nossa aula para que o estudante possa plantar seu saber – sua experiência ,suas inquietudes e que isso seja formalizado em um dispositivo que possa se conservar, é uma alfabetização integral que descoloniza a palavra e a imagem, e que permite que o professor se desconstrua , e pare de pensar que tem que *fazer coisas* , para começar a ser o exemplo desse sujeito político que queremos formar ,isso é um ativismo é a desconstrução do rol político docente em ação.

Pergunta 3: Professora Isidora – O colega Lucas nos perguntou sobre a importância da História Oral para a Cultura e como ela se articula com o passado Indígena – Além disso – a colega María Alejandra Estifque mencionou o arquivo comunitário – o escrito – o de imagens – e a linguagem performática – A senhora



vê o performático como a chave para complementar a História Oral e para construir acervos contra-hegemônicos especialmente em relação às histórias indígenas onde a palavra escrita não é a fonte primária – A questão central é quem produz esse acervo?

Resposta 3: -¡Que lindas perguntas! eu terei que responder uma a uma porque a minha capacidade não me permite juntar tudo em uma grande resposta sem deixar coisas importantes de lado ,mas vamos lá , sim , sem dúvida a História Oral é uma via importantíssima , sobretudo pelo tipo de registro e testemunho que ela nos permite recuperar . Ela inclui matizes que o texto escrito não alcança ,como a entonação da voz ,as pausas , a maneira em que a pessoa ordena as ideias ou o gesto, é o testemunho da pessoa , o testemunho completo . Mas a história oral tem a desvantagem de trabalhar geralmente só com a palavra , com o que a pessoa diz , e é aqui que o olhar performático e o arquivo comunitário entram ,para complementar, Eu acredito que o linguagem performática tem um ponto transgressor da colonialidade , mas ele também está circunscrito à maneira que temos de registrá-lo . A virada epistemológica não está tanto no formato ,se é palavra , se é escrito , se é oral , se é performático , a virada está em quem produz esse acervo . Se são os coletivos que decidem ,por exemplo : os povos indígenas decidirem que o acervo deles não é só a palavra ,mas também os objetos , as práticas , o que têm em suas casas , e o transformam em um arquivo comunitário um arquivo escolar feito com guias dos alunos ,os objetos da escola. Essa é uma prática de arquivo que não passa necessariamente pela palavra ,ou seja , é o coletivo que tem a voz ,e essa voz pode ser registrada em qualquer formato para que possa se preservar e se ler no futuro . E isso é fundamental para olhar o passado indígena , que é onde a palavra escrita não é hegemônica.

Pergunta 4: Professora Isidora a colega Arancí Bustamante – professora da Educação Primária de Argentina – chamou a atenção para a desvantagem da escola nesse contexto da cultura digital para alcançar a alfabetização na infância - - Como a sua proposta de "alternativas realistas" ,¿ que passa pela atitude e pela democratização do conhecimento , pode orientar os professores da escola primária a criarem as suas próprias redes de mestres e acervos comunitários – especialmente para sanar a dívida que a história acadêmica tem com a escola primária?

Resposta 4: Essa é uma pergunta que toca na nossa dívida , especialmente com a escola primária e com a alfabetização , a Arancí tocou em um ponto fundamental . Eu creio que sim ,a universidade tem uma dívida especialmente com a escola primária e com a alfabetização no campo da história e isso se conecta com o que o José perguntava , sobre o rol do professor , o professor é um agente político sem dúvida ,em todos os níveis , e uma das coisas que temos que reivindicar , e que eu trabalho muito em aula , é que a tarefa docente precisa reivindicar-se como um espaço de geração de conhecimento para a sociedade . Não pode ser que os docentes tenham as condições laborais e os salários que têm , e que o que aprendem no dia a dia , que são reflexões situadas ,não possa ser



sistematizado e socializado , porque não há tempo nem recursos materiais ,é aí que a atitude e as alternativas realistas entram . A solução não virá em um formato clássico da academia ,mas sim em democratizar esse conhecimento e isso se faz com o exemplo e com a valorização do saber que acontece no cotidiano do professor ,o que a Aranci e outros mestres fazem de se unirem em redes de professores para pensar como democratizar o conhecimento , isso é um ativismo importantíssimo e é o caminho , é usar os nossos pequenos câmbios para criar essas redes de apoio , essas práticas de arquivo escolar ,e dar voz a essa experiência que nasce no chão da sala de aula e isso é uma alternativa realista e tangível.

Pergunta 5: Professora Isidora – Nosso debate nos confrontou com a tarefa utópica de dismantelar sistemas de conhecimento formados em séculos , em apenas alguns anos e com a complexidade da linguagem acadêmica .¿ O que a senhora define exatamente como "alternativas realistas" e qual é o papel da linguagem acessível e da atitude cotidiana do pesquisador e professor , como a simples escolha de uma imagem ou de uma palavra para fazer a transformação decolonial mais efetiva na Universidade e fora dela?

Resposta 5: É uma excelente pergunta para fechar – e eu creio que esta ideia das alternativas realistas conecta muito com o que conversamos antes , sobre a urgência , porque dá a sensação de que estas são tarefas urgentes e que as temos que resolver já , mas se temos seiscentos ou setecentos anos de conformação de todos estes sistemas de conhecimento e de significado , querer mudá-los em poucos anos com a nossa experiência singular , eu creio que é uma tarefa bastante utópica . E é aí que entra essa ideia de alternativa realista , não é um conceito acadêmico mas deriva de um sentido comum e passa muito pelo que o professor José comentava , o uso de uma linguagem que seja compreensível , porque uma das coisas que mais nos afeta na academia e que me aconteceu quando comecei a ler textos descoloniais é que eu não entendia nada, eu me sentia muito ignorante mesmo já tendo uma licenciatura em História E eu pensava-se isto é fácil pode ser dito em palavras normais ¿ Por que usar toda essa terminologia ? todos esses conceitos abstratos .Eu não digo que não esteja bem , mas não pode ser a única maneira de comunicar , então a alternativa realista se refere a isso , a buscar maneiras nas quais possamos aplicar nossos princípios , mas que não sejam grandes transformações teóricas ,nem grandes projetos políticos . Às vezes simplesmente passa por uma atitude por dedicar em vez de cinco minutos , dez minutos para buscar uma imagem que seja um pouquinho mais acorde com aqueles princípios que defendemos para ilustrar algo e essa imagem será um melhor referente Então são os pequenos câmbios , as microatitudes , que nos permitem avançar – e talvez uma das coisas que está pendente é gerar alianças mais estreitas entre as condições laborais e as questões de transformação do conhecimento o contexto na Argentina não é favorável , mas nossa atitude e a nossa linguagem , o nosso exemplo , isso está em nossas mãos e é isso que vai se "pegando" e gerando outra cultura.



Pergunta 6: Professora Isidora -- A senhora confronta a urgência da transformação que sentimos na academia com os seiscentos ou setecentos anos de conformação do sistema de conhecimento colonial , classificando como "tarefa utópica" querer mudá-lo em poucos anos . Diante desse desafio de tempo e escala , como a sua proposta de "alternativas realistas" funciona como um contraponto a esses grandes projetos teóricos abstratos e como essa atitude de mudar a linguagem e a seleção de referências mesmo que em pequenas mudanças como a escolha de uma imagem – pode se tornar um ato decolonial mais efetivo e acessível para a Educação Básica?

Resposta 6: -Sim é uma excelente observação ,e o ponto que nos conecta com a realidade é justamente esse a sensação de urgência que nos impulsiona ,de que temos que resolver isso já , ela é confrontada com a realidade de que levamos seiscentos ou setecentos anos para conformar todos estes sistemas de conhecimento e significado querer mudá-los com a nossa experiência singular em poucos anos , eu creio que é uma tarefa bastante utópica , e é aqui que reside a conexão com as alternativas realistas .A alternativa realista é justamente o oposto dos grandes projetos políticos ou das grandes transformações teóricas , ela passa por uma atitude , por buscar maneiras em que possamos aplicar nossos princípios e um dos maiores problemas que temos na academia é a linguagem ,eu digo isso por experiência própria , quando comecei a ler textos descoloniais , eu não entendia nada , eu me sentia muito ignorante mesmo já tendo uma licenciatura em História ,mas depois percebi que, se isto é fácil pode ser dito em palavras normais , então por que usar toda essa terminologia com esses conceitos tão abstratos ,que remetem a marcos teóricos que nem todos conhecem , A alternativa realista é buscar uma linguagem que seja compreensível e passa por atos simples como dedicar dez minutos em vez de cinco para encontrar uma imagem que seja um pouquinho mais acorde àqueles princípios que defendemos para ilustrar algo essa imagem será um melhor referente – então não são grandes projetos – são as pequenas mudanças na atitude , no tempo dedicado e na forma de comunicar porque são estes pequenos câmbios os que fazem a diferença ,e nos permitem gerar outra cultura.

Essa é uma questão que eu considero chave , eu penso que a história oral é sim uma via importantíssima , sobretudo por nos permitir o registro de matizes que o texto escrito não alcança : como a entonação da voz ,as pausas de quem fala ,a maneira em que se ordenam as ideias ,o gesto , tudo isso faz parte do testemunho completo da pessoa mas claro a história oral trabalha principalmente com a palavra como que a pessoa diz e é aí que a prática performática entra como um ponto transgressor da colonialidade . A ideia é que os próprios coletivos elaborem seus registros usando o que têm em casa, as materialidades que acumulam com o tempo , as práticas que fazem deles quem são e isso pode ser parte desses acervos documentais contra-hegemônicos . No entanto , para mim a questão fundamental não é o formato não é se é palavra se é escrito, se é oral se é performático o ponto de mudança está em quem produz esse



acervo . Se são os coletivos que decidem por exemplo: eu trago o que tenho da história da minha família e fazemos um arquivo comunitário ou se na escola vamos buscar os guias de alunos e os objetos e os pomos em formato de arquivo para investigar nossa própria história . A questão é quem tem essa voz e garantir que essa voz possa ser registrada e preservada para as distintas leituras futuras é na autoria do arquivo que reside o verdadeiro poder.

Pergunta 7: Professor José e as colegas colocaram um ponto nevrálgico sobre o déficit de protagonismo público dos historiadores acadêmicos – e o risco de que a única representatividade rigorosa venha da universidade – A senhora ¿concorda que essa disputa pela história pública e pelo negacionismo exige que a universidade repense profundamente suas práticas curriculares e didáticas e como a aposta na cultura de pesquisa decolonial pode ser nossa principal ferramenta diante da inércia histórica e dos governos de direita que promovem essas narrativas alternativas?

Resposta 7: -Sim é uma articulação muito hábil e muito necessária . Eu concordo plenamente com o professor José que o único espaço de representatividade rigorosa acaba passando pela universidade e que a forma como ensinamos precisa mudar também na universidade , os professores universitários resistem muito a modificar suas práticas ,mas se não mudarmos a didática os alunos e as alunas não compreenderão outras possibilidades de pesquisa e de história .No entanto , o meu ceticismo sobre a capacidade da instituição de fazer essa transformação sozinha me leva à estratégia de gerar outra cultura .A aposta está em aproveitar essa consciência de que há muitas pessoas na universidade que querem outro mundo possível e essa cultura se "cola" ou se "pega" pelo exemplo, e é essa cultura que é a nossa principal ferramenta diante dos ciclos políticos ,se olharmos a história da América Latina não há nenhuma surpresa em transitar entre direitas e esquerdas é uma inércia histórica . O caminho não é tomar o poder deles ,que têm os meios de comunicação, mas sim questionar e buscar um projeto de mundo no qual queremos viver .A chave não está em combatê-los nos seus próprios termos mas em acreditar na nossa capacidade humana e coletiva para fazer essa transformação , o nosso fazer o nosso exemplo , a nossa mudança na didática e no currículo isso é o que nos permite ser mais e continuar com os projetos que nos convocam , apesar da inércia histórica. É a mudança cultural que se pega e que nos faz fortes.

Pergunta 8: Professora Isidora – Diante do seu ceticismo em relação à capacidade da instituição universitária de promover a transformação necessária ¿Qual é o papel ético e prático do pesquisador em Didática da História ?¿ e como o seu grupo traduz a ação acadêmica ,como a publicação de *papers* e livros , em ações concretas de "fazer história de baixo com a gente de baixo" e de que maneira essa cultura se "cola" ou se "pega" nos estudantes e na comunidade?



Resposta 8: Essa é a questão central , eu tenho que ser muito honesta ,eu não creio no sistema no sentido de que não acredito que a instituição sozinha terá a capacidade de fazer a transformação necessária, porque ela foi forjada assim, durante mil anos para ser a grande detentora do saber e a detentora do poder é um aprendizado que tivemos com os movimentos sociais ,por exemplo,que nos trouxeram a ideia de República ou das oito horas de trabalho, essas conquistas não vieram de cima para baixo ,vieram através do boca-a-boca, da divulgação de uns para os outros ,do contato humano, do cotidiano que se massificou, então eu acredito no exemplo no fazer na postura que temos .A postura que eu e meu departamento defendemos é que em cada investigação científica que fazemos ,que será publicada em um livro ou em um *paper* acadêmico ,nós procuramos ter bastantes ações que nos permitam chegar à gente, levar aos estudantes, fazer exposições nas escolas, fazer atividades com os professores, aproveitar as redes sociais ,fazer alguma palestra com associações, falar com comunidades de vizinhos e abrir nossos espaços acadêmicos para que as pessoas interessadas venham, ou seja, é fazer uma história desde baixo com a gente de baixo. Concordo que o ideal seria a universidade se repensar , mas não tenho certeza se isso vai acontecer porque quem tem o poder não quer que lho tirem , mas o que eu sei é que dentro da universidade há muitas pessoas que querem outras alternativas, que querem outro mundo possível, então aproveitar esses nichos, isso vai se pegando com o exemplo, é gerar uma outra cultura da pesquisa da história ,e isso é o que nos move.

Pergunta 9: A senhora mencionou que o caminho não é tomar o poder , mas sim questionar e construir um "projeto de mundo no qual queremos viver". Poderia aprofundar um pouco mais nessa visão ? Como a sua pesquisa nos ajuda a criar essa nova cultura e o que a História nos ensina sobre a inércia histórica dos ciclos políticos entre direitas e esquerdas na América Latina ?; Acreditar na capacidade humana coletiva ("nós somos mais") é a chave para resistir a esses ciclos?

Resposta 9: Claro . O que eu vejo é que as narrativas alternativas da direita , elas buscam empurrar os mesmos tópicos com os mesmos objetivos , o objetivo final é sempre justificar o poder , e o erro seria orientar nossas perguntas e nossa luta para tirar o poder deles , e não para construir o nosso projeto de mundo . Nós conseguimos as férias ,a educação universal , o direito ao trabalho graças a lutas que foram se massificando pela base.O fato de hoje a educação primária e secundária ser obrigatória e universal foi um triunfo que nossos avós não tiveram.Acredito que a narrativa alternativa não deve ir para brigar pelo poder ,mas para questionar o projeto de mundo que nos é imposto ,por isso, eu digo que não vamos combatê-los nos seus termos , porque a direita tem os meios de comunicação ,mas nós somos mais.Eu acredito na nossa capacidade humana e coletiva de fazer essa transformação, e isso é um caminho possível .E sobre os ciclos políticos a História nos ensina que a dinâmica da América Latina sempre foi essa , transitar entre direitas e esquerdas , portanto ,não há surpresa



alguma nisso, eu tomaria isso com um pouco mais de precaução .Seguiria com os projetos que nos convocam ,porque o movimento das direitas é parte de uma inércia histórica o nosso trabalho é gerar a nova cultura , e isso é o que nos resta e nos anima a seguir adiante com as nossas reflexões fazendo as pequenas mudanças que podemos no nosso curso, porque nós temos as nossas linhas de ação para dizer muito.

Pergunta 10: Professora Isidora.Pensando nos jovens pesquisadores e professores que nos ouvem ¿Qual a mensagem principal que a senhora gostaria de deixar sobre a importância de trabalhar a tríade História Cultura e Didática em suas carreiras e , aproveitando sua identificação ,gostaríamos de saber como a sua experiência como professora em sala de aula na periferia de Santiago moldou essa sua identidade acadêmica e suas perguntas descoloniais?

Resposta 10: Que excelente pergunta que toca um ponto central na minha trajetória . Eu gosto muito de dizer que me apresento como professora de história porque essa é a minha identidade fundamental , eu não falo apenas da academia puramente , antes de ir para a Didática da História em Barcelona , eu era professora no Chile , trabalhava em arquivo ,trabalhava com história lá e foi justamente ali que as primeiras perguntas nasceram . Eu me lembro de ter que explicar a história da América em uma turma de quinto ano de primária , e eu estava fazendo um mestrado em Estudos Culturais Latino-Americanos e de repente a cabeça se iluminou , pensei não pode ser ,no mestrado eu via coisas tão interessantes e na aula eu tinha que explicar conteúdos que estavam completamente desconectados . A mera experiência de aula com meus alunos , a relação com eles, as perguntas que os alunos me faziam sobre os referentes culturais que eles tinham , em um setor periférico de Santiago ,tudo isso me levou a formular estas questões . O meu processo é muito lento ,me tomou muitos anos para conseguir formular estas questões , mas eu reivindico ser professora de história porque eu sigo estudando e sigo voltando à aula sempre que posso , porque eu me dedico a isso ,eu tenho que saber como está uma aula é uma questão de ética e de compromisso epistemológico que guia toda a minha pesquisa. Eu fiz história e colecionei muitos títulos na minha vida ,mas sigo sendo professora de história porque é essa a relação com o território que me permite construir as perguntas certas.

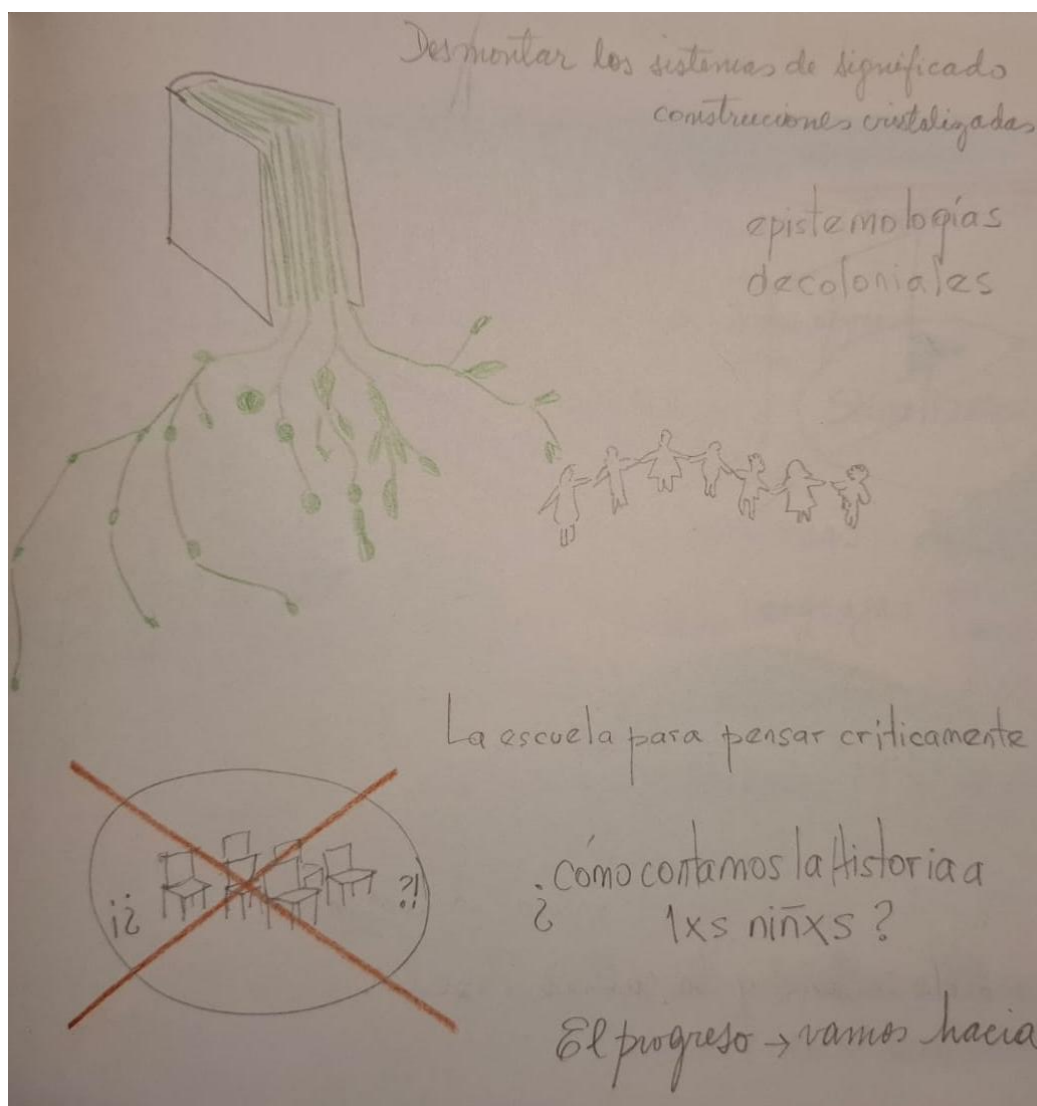


Imagem 3. Desenho de aula 3 (Estique, 2025)

Pergunta 11: Isidora a senhora mencionou que a inteligência artificial representa imaginários hegemônicos, mas também que pode economizar nosso tempo – Qual a sugestão ou recomendação prática para usarmos a IA contra esse movimento, para ir contra essa reprodução, e como o tempo que economizamos pode ser traduzido em uma ação descolonial efetiva na Educação Básica?

Resposta 11: Sim é um ponto muito difícil e muito importante, porque a Inteligência Artificial é arriscada o risco maior é que ela reproduz tudo isso que nós questionamos então o primeiro é ser muito crítico e saber exatamente por que a estamos usando. A IA é muito boa para duas coisas, que são usos bem distintos. Primeiro, eu gosto de usá-la como biscoito da consciência ou barômetro para que possamos ver esses significados, sobretudo quando ela gera imagens, ou quando se pede a ela que crie algo, porque ao criar ela reproduz todos os ingredientes que tem sem ver a coisa, então ela nos mostra como estão os imaginários e como eles têm evoluído. E o segundo uso é



para facilitar o trabalho nas coisas que não são tão importantes coisas que são mecânicas como fazer resumos de textos , eu digo resuma este texto que é chatíssimo ,ela faz muito bem O ponto crucial é que esse tempo economizado , que é o tempo que ela nos dá , não é para qualquer coisa , é para poder dedicar o tempo a coisas que realmente valham a pena , coisas que são importantes , como pensar , como participar e conversar com outras pessoas para buscar a melhor maneira de chegar a coletivos que não chegamos normalmente ,porque o mundo acadêmico é muito rápido a IA nos ajuda a economizar o tempo nas tarefas mecânicas,para que possamos investir esse tempo nas ações decoloniais efetivas no diálogo e na intervenção pedagógica que o nosso curso precisa. É essa a função dela nos dar tempo para o que é essencial.

Referências

- Alves, Lynn (Org.). *Inteligência artificial e educação: refletindo sobre os desafios contemporâneos*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS Editora, 2023
- Braudel, F. (2005). *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva.
- Sher, B. R., & Sáez-Rosenkranz, I. (2023). Propuesta teórico-metodológica para decolonizar la enseñanza de la historia. *Archivos Analíticos de Políticas Educativas*, 31(47). <https://doi.org/10.14507/epaa.31.7621>